

# **POLISSEMIA DA FÉ: UM ESTUDO SOBRE OS ENSAIOS DE MICHEL DE MONTAIGNE**

## ***THE POLYSEMY OF FAITH: A STUDY ON MICHEL DE MONTAIGNE'S ESSAYS***

*Glauber Holanda Cavalcante*<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta pesquisa visa compreender o elo entre a polissemia da fé e Michel de Montaigne (1553-1592), a partir da obra *Les Essais* (Os Ensaios). O artigo em questão aborda a análise do filósofo francês sobre o estudo da fé e, respectivamente, sua relação com outros conceitos como: razão, costumes, crença e autoridade. Essa perspectiva é fundamental para compreendermos a teoria montaigneana de que a verdade habita um lugar externo, dado que para o autor, a “sabedoria divina quando para assegurar a salvação do gênero humano e essa sua gloriosa vitória contra a morte e o pecado, quis que isso acontecesse dentro de uma ordem política estabelecida”<sup>2</sup>. A contribuição de Montaigne encontra-se mais precisamente no ensaio *Apologia a Raymond de Sebond* (II,12). Acaso, nossa fé, assim como suas forças, é adquirida em sentido de um “presente puro”, fruto da liberdade do outro? Por fim, recebemos nossa religião pelo raciocínio e entendimento ou é a recebemos por “autoridade e comandos externos”?

**Palavras-chave:** Autoridade. Crença. Costumes. Fé. Razão. Montaigne.

**Abstract:** This research aims to understand the link between polysemy of faith and Michel de Montaigne (1553-1592), from the work *Les Essais* (The Essays). The article in question deals with the analysis of the French philosopher on the study of faith and, respectively, its relationship to other concepts such as reason, customs, belief and authority. This perspective is critical to understanding the montaigneana theory that the truth dwells an external place, as to the author, the “divine wisdom as to secure the salvation of mankind and that his glorious victory over death and sin, wanted this happened within an established political order”. Montaigne's contribution is more precisely in the *Apologia to Raymond Sebond* (II, 12). Chance, our faith, and his strength is acquired in the sense of a "pure gift" result of the freedom of others? Finally, we received our religion by reasoning and understanding or is received by "authority and external commands"?

**Keywords:** Authority. Belief. Custom. Faith. Reason. Montaigne.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal do Ceará - UFC. Bolsista da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). Licenciando em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Graduado em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE).

<sup>2</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. p.251.

*Brevis est institutio vitæ honestæ beatæque, si credas. (Crê, e o caminho que te conduzirá à virtude e à felicidade será curto). Quintiliano, Instituto de Oratória, XII, XI, 12.*

## **1 A díade fé e razão**

O nome de Montaigne aparece quase que de forma obrigatória quando se trata de questões tradicionais sobre a dimensão cética, talvez pelo fato de sua obra ser considerada um divisor de águas não somente na França, como na história da filosofia humanista renascentista.

Contudo, no que diz respeito à dimensão sobrenatural, o que poderemos encontrar na obra do autor? O que Montaigne ensaia sobre essa temática? Será possível encontrar fundamentos referentes a essa teologia e proposição do cristianismo e a noção de fé?

Se recorrermos aos estudos tradicionais sobre Montaigne talvez não encontraremos provas substanciáveis que abram essa discussão. Porém, se utilizarmos as interpretações mais recentes como Richard Popkin e Frederic Brahami, é possível encontrarmos visões difundidas nos estudos sobre uma nova perspectiva acerca da proposição de Michel de Montaigne ligada diretamente ao cristianismo. De fato, há sim um embate tradicional ligados a epistemologia, a filosofia e a teologia, posto que um dos temas centrais do renascimento é exatamente a díade fé e razão.

Os Ensaios assumem características singulares, como a técnica da “peinture de soi” (pintura de si mesmo), a própria narrativa argumentativa a partir da distinção das esferas naturais e sobrenaturais. Esta posição é atitude característica de Montaigne, cético fideísta, aquele que simultaneamente crê e descrê.

Segundo Montaigne, há uma problematização acerca da real condição humana, de seus instrumentos naturais e de seus objetivos teóricos e práticos, a partir da crítica incessante de provar que o homem não seria capaz de atingir os mistérios da verdade por intermédio da ciência e da razão.

Muito comum em sua época (e nos dias de hoje também) o endeusamento da ciência e dos cientistas, ou ainda a divinização do que é humano. Ao ponto de que, segundo Montaigne, o homem vir a recolher os preceitos e discursos científicos como oráculos órficos de outrora, ou ainda com “reverência” e “fé” quando se mostra diante da impossibilidade de julgar.

O ceticismo de Montaigne assume a posição na qual a razão é instrumento multifacetado na medida em que nega à própria razão humana a possibilidade de atingir verdades inquestionáveis. Chegamos aqui ao nosso primeiro grande problema: como confrontar a ideia de razão com a ideia de fé? Poderia realmente um cristão querer sustentar sua crença com argumentos meramente humanos?

Para compreender melhor a profundidade da *Apologia* se faz necessário entender o significado desses dois conceitos, pois este trabalho visa demonstrar o papel da religião e da teologia cristã na constituição do pensamento de Montaigne como característica singular de seu ceticismo.

Se temos essa *reverência e fé* no que nos fala a ciência, por que então não movemos montanhas? O próprio Evangelho nos diz que a fé move montanhas. Logo, estaria o homem enganando-se ao objetivar estabelecer e provar os artigos de fé cristã baseando-se exclusivamente em *razões humanas e naturais*?<sup>3</sup>

Para Montaigne, sim. O homem cristão pode estar se auto enganando quando visa sustentar pela via argumentativa, meramente humana, “uma crença que só se concebe pela fé e por intervenção particular da graça divina”<sup>4</sup>.

Essa passagem ilustrativa nos permite interpretar que Montaigne visa romper com a ideia de que o homem por intermédio da razão venha a penetrar às verdades inquestionáveis. Nesse ponto, a noção de fé passa pela análise antropológica inovadora na qual a concepção do gênero humano encontra-se ligada à própria inteligência da espécie, ou seja, puramente humana e limitada à sua dimensão.

Entretanto, esta pesquisa não trata aqui de desmoralizar o homem cristão, posto que Montaigne considera esta atividade demasiado elevada e divina. Diante disso, pelo fato de ser um exercício divino que ele sugere uma sobreexcedência ao campo da inteligência humana. Para tanto, o autor considera que essa verdade e seus mistérios são iluminações da bondade de Deus, como forma de auxiliar as criaturas.

Montaigne naturalmente segue a tradição cristã. Percebemos isto quando não só afirma uma infinita distancia entre Deus e o homem, como também busca provar sua teoria de que *os esforços humanos e seus argumentos não podem atingir uma tão sobrenatural ciência, exclusiva no campo da fé*<sup>5</sup>. Nesse ponto, o sobrenatural e o natural

---

<sup>3</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíes*. p.62.

<sup>4</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíes*. p. 62.

<sup>5</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaíes*. p.250.

não só se distinguem em dimensões, superior e inferior, como não estabelecem nenhum tipo de contato, com ressalva de que haja um milagre.

Que dizer da razão e da inteligência que utilizamos, por meio das coisas obscuras, chegarmos às evidências, visto que para Deus não há nada obscuro. [...] só Deus pode se conhecer e interpretar suas obras. [...] Como podemos combinar com ele a prudência, que é a escolha entre o bem e o mal, visto que nenhum mal o atinge?<sup>6</sup>.

O fio condutor nos leva a essa estreita análise entre fé e razão. É fato que novas correntes tratam a filosofia crítica de Montaigne pela ótica de uma fundamentação cristã a partir de um caráter essencial ao seu trabalho de aniquilação da razão. Nesta pesquisa, partimos do critério que a crítica teológica se estende a todo o campo do conhecimento em geral, na medida em que o discurso filosófico compartilha com a teologia o fundamento de busca das verdades das coisas.

Para tanto, entendemos que a razão se despede da antropologia do autor, abrindo para um novo sentido no qual o espírito humano venha a se dividir entre uma noção de fé mais pura no que tange a impossibilidade de argumentar sobre ela. A não ser que a razão venha a metamorfosear o homem para algo que não seja crença ordinária proveniente da própria natureza humana<sup>7</sup>.

Trata-se aqui de considerar esse exercício exclusivamente divino, o que resulta na impossibilidade do homem em penetrá-la, ou até mesmo concebê-la por via racional. Para Montaigne, a condição humana é de abandono divino, restando aos homens unicamente à inteligência, as faculdades mentais e as paixões.

Portanto, ao ver de Montaigne, o homem não possui capacidade de atingir os mistérios da verdade. O autor considera que se não fosse desta forma, muitos espíritos superiores, com maiores privilégios, como no caso de Sócrates, Platão, Santo Agostinho, Alexandre o Grande, todos esses teriam chegado à fé por intermédio da razão<sup>8</sup>. Citemos a Apologia:

É somente a fé que nos revela os inefáveis mistérios de nossa religião e nos confirma a sua verdade; o que não significa não seja bela e louvável empresa pôr a serviço dessa fé os meios de investigação que o homem recebeu de Deus<sup>9</sup>.

---

<sup>6</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.250.

<sup>7</sup> Ver Brahami, Le scepticisme de Montaigne. Paris: PUF, 2001. p.61.

<sup>8</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.250.

<sup>9</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.251.

Nessa passagem, Montaigne se refere à noção central de fé. Claramente há uma ligação da fé com o acesso da verdade e da religião cristã. Como vimos anteriormente, essa não é uma luta ensaística para desmoralizar a dedicação humana e seus instrumentos no que tange essa investigação miraculosa.

Não resta dúvida que nos Ensaaios se trate da questão da fé, razão e verdade sem que se desdenhe da utilidade das faculdades mentais que se ocupam de tão sobrenatural exercício para um cristão, ou não, de orientar seus estudos e meditações em sentido de desenvolver os alicerces na dimensão da crença.

Diante disso, Montaigne sugere que o espírito humano que se coloca à serviço de Deus é louvável, porém qual espaço resta para a reverência física? Não deveriam nossas ações fluírem para a glorificação divina? Não deveria nossa razão deve agir se com dedicação para amparar a fé cristã?

Na Apologia, ficamos a entender que há um limite para essas pretensões. Segundo Montaigne é via faculdade imaginativa que o homem se lança nessa busca de alcançar a “ciência sobrenatural” que provém da divindade. Ora, na visão de Montaigne, essa ciência extraordinária só pode ser penetrada pela via da graça divina e não pela “força do raciocínio”, ou ainda via outros processos humanos.

Isto posto, o homem está condicionado a não ocupar o mesmo espaço que ocupa o altíssimo esplendor. Montaigne crê essa é a única forma de penetração dimensional.

Se estivéssemos unidos a Deus por uma fé ardente, se a Ele nos prendêssemos por Ele próprio e não por nós, se nossa fé assentasse em fundamento divino, as tentações humanas não teriam o poder de nos abalar como têm; resistiríamos sem dificuldade a tão fracos assaltos. O amor à novidade, a tirania dos príncipes, a sorte de um partido, as mudanças temerárias e fortuitas de nossas opiniões, não conseguiriam estremecer ou alterar as nossas crenças; não nos deixaríamos perturbar por argumentos novos e nenhuma retórica no mundo nos impressionaria. Resolutos e serenos, enfrentaríamos esses golpes<sup>10</sup>.

Essa citação ilustra bem o que esta pesquisa busca. Visto que outros interpretes não se atentaram para o fato de que no preâmbulo da *Apologia*, Montaigne se mostra criterioso à essa questão cristã. Afinal, é desse tema que flui toda essa problemática teológica que serve de base para toda a sua crítica à razão.

---

<sup>10</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.251.

Montaigne parte do ponto em que Deus é “*transcendance absolue*” (transcendencia absoluta), portanto, há aqui uma busca de encerrar a razão humana na própria sua própria finitude e afimar sua incapacidade de chegar à verdade, seja científica ou ainda sobrenatural.

Para o ensaísta,

é tão somente a fé que abarca vivamente e verdadeiramente os altos mistérios de nossa religião. A fé para o autor não é aquisição humana, é pura dádiva da liberdade de outrem, e muito menos por reflexão ou por meio do nosso entendimento que recebemos nossa religião<sup>11</sup>.

Em outras palavras, essas problemáticas sobrenaturais da verdade e da religião só podem ser baseada na dimensão da fé, ao passo que qualquer fundamento humano para a religião é demasiado fraco para servir de sustentáculo para o conhecimento divino, que nos Ensaísta, claramente só é possível via graça<sup>12</sup>.

Como podemos perceber nessas duas interpretações a religião e teologia cristã exercem papel fundamental nesse novo ceticismo fideísta proposto por Montaigne. Mas afinal, o homem pode praticar o racionalismo teológico? Pode o homem demonstrar racionalmente as verdades supremas?

O homem pensa que sem a ajuda Divina pode ser capaz de compreender o cosmo. Mas ele é apenas uma criatura que é demasiado vaidosa e orgulhosa ao mesmo tempo que é insignificante, cujo o ego faz com que ele creia, e apenas ele seja capaz de compreender o mundo e que o mundo foi criado e existe somente para seus benefícios<sup>13</sup>.

Diante do exposto, podemos interpretar que a intenção de Montaigne não deixa dúvidas ao assumir um papel ativo e fundamental que colocar seus contemporâneos diante das responsabilidades que guiam os homens rumo às escolhas, sem ilusões, sem auto engano.

Montaigne considera que em qualquer nível as escolhas devem ser tomadas, temos de levar em consideração que até mesmo as melhores decisões não passam de “apostas”. Nos Ensaísta, os efeitos dessas apostas aparecem dependentes ao que o autor denomina de “forças incontroláveis que agitam a opinião pública”, ou ainda das reações

---

<sup>11</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaísta**. p.251.

<sup>12</sup> Ver POPKIN, Richard Henry. **História do ceticismo**: de Erasmo a Spinoza. p. 92.

<sup>13</sup> *Ibidem*. p. 93.

de todos os grupos entre os quais o poder se divide, dado que vivemos em tempos de desordem<sup>14</sup>.

Na Apologia, Montaigne questiona se caso selecionássemos no exército reformista, ou até mesmo no exército do Estado, os soldados que servem unicamente para defender a fé cristã, ou ainda os que batalham pelo império da lei ou do príncipe, não se conseguiríamos constituir uma única companhia que seja. Como se explica que sejam tão poucos os que permanecem fiéis à sua fé?

“É preciso não trapacear com Deus<sup>15</sup>”, escreve Montaigne. O ensaísta nem chega a supor que o homem tenha fé, pois se a criatura acreditasse realmente em Deus, única e exclusivamente na divindade, seguiríamos o preceito bíblico que nos imputa amar a Deus acima de todas as coisas. Diante da beleza e infinita da bondade sobrenatural, resta ao homem o ponto mais elevado de sua condição na riqueza, nos prazeres, na glória e na amizade.

Ora, sendo nosso coração e nossa alma regidos pela fé, esta deve poder valer-se de todas as demais partes de nosso ser de acordo com o que cada uma pode dar. Não é crível, portanto, que esse conjunto que constitui o mundo, que essa admirável máquina não revele vestígios denunciadores da presença do grande arquiteto que a construiu e que não se perceba em algumas de suas peças algo suscetível de lembrar o artesão que as fez e juntou<sup>16</sup>.

Se “nosso coração” fosse regido pela fé pura e verdadeira, como seria possível a fé do homem provir de sentimentos inferiores, como no caso da covardia e da pusilanimidade? Que terrível fé seria esta que existe somente porque não se tem mais a coragem de deixar de crer? Os Ensaaios tratam de um universo que não oferece ao homem apoio à verdade da fé cristã, ao passo que supostamente contraria à bondade divina: “o céu, a terra, os elementos, nosso corpo e nossa alma, tudo concorre para justificá-la”<sup>17</sup>.

Logo, ao ver de Montaigne, os tanto os raciocínios, quanto os discursos humanos aparentam uma forma que na realidade não possuem. Há aqui um certo teor condenatório, visto que se trata de uma impotência humana sem o amparo da fé e da graça. Nessa pintura, a fé, colore e abrilhanta a Teologia Natural de Sebond.

---

<sup>14</sup> TOURNON, André. **Montaigne**. p.59.

<sup>15</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.252.

<sup>16</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.252.

<sup>17</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.252.

De fato, trata-se de uma espécie de molde que encontra-se predisposto a receber a graça de Deus, que neste caso é capaz de fortalecer a fé e a faz perfeita. Por isso Montaigne considera de grande consolo para o cristão observar os instrumentos humanos se adaptarem tão bem ao que exige a santa fé, divina, que, quando os utiliza em seus atos não se revelam mais adequados nem tampouco mais poderosos.

O ceticismo fideísta de Montaigne nos leva a compreender que o mal no homem está em pensar que sabe, por isso a religião cristã nos recomenda a ignorância com certa insistência, ao ponto de adequar em nós a fé e a obediência ao que está em vigência.

O pirronismo cético já trazia a imagem de um homem nu e vazio, consciente de sua fraqueza natural, ao mesmo tempo que suscetível de receber do sobrenatural que lhe é superior, com um certo limite, a força de que carece. A ciência divina remete a uma abstração de sua própria inteligência a fim ceder maior espaço à dimensão da fé.

crê e não propõe nenhum dogma contrário às leis e aos costumes; humilde, obediente, disciplinado, estudioso, inimigo declarado da heresia, está portanto livre dessas vãs opiniões contrárias à religião e introduzidas pelas seitas dissidentes; é uma página em branco, preparada para receber tudo o que apraz a Deus nela traçar.<sup>18</sup>

Por fim, a fé humana, se é que existe, não é adquirida, mas sim “um presente puríssimo de liberalidade alheia”. Não foi pelo raciocínio, pela inteligência, que a religião é acolhida pelas pessoas. Montaigne trata aqui de uma polissemia da fé posto que a religião é recebida pelo ser também pela vontade de uma autoridade externa ao próprio ser, em outras palavras, se situa fora de nós. Analisaremos essa questão posteriormente.

Por hora, vamos nos ater a noção de fé ligada à fraqueza humana que acaba por ajudar aos homens mais do que a força de um juízo das faculdades superiores. Em outras palavras, a cegueira se tornaria mais útil do que a clarividência no que tange a sobrenaturalidade. É, pois, “graças à ignorância, mais do que ao saber, que o homem toma conhecimento das coisas divinas”<sup>19</sup>.

É nesse ponto que surge a dúvida sobre qual critério central sustentaria essa saga? E mais, sobre qual método Montaigne poderia utilizar de forma racional sem que se iluda? Qual passagem dos *Ensaaios* resumiria esse embate? Ainda na *Apologia*,

---

<sup>18</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios*. p.253.

<sup>19</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios*. p.253.

encontramos uma frase que busca resumir todo esse embate travado por Montaigne em seu período: “somos cristãos a mesmo título que somos perigordinos ou alemães”<sup>20</sup>.

Será que a partir dessa passagem conseguiremos fechar nossa busca pela ideia de fé contida nos *Ensaaios*? Agora que já confrontamos a noção de fé com a noção de razão encerramos aqui como uma última palavra sobre o tema? Se levássemos em consideração somente as interpretações mais tradicionais, talvez sim. Mas escolhemos o desafio de ir adiante e trabalhar interpretações mais recentes que contribuem para que o debate busque respostas mais específicas e concretas.

Afinal, esse confronto entre a díade fé e razão nos mostrou as limitações entre as dimensões sobrenaturais e naturais, ou seja, abriu caminho para um estudo ainda mais criterioso sobre os objetivos e metas, sobre o método e critério adotado pelo autor. Surge então a necessidade de delimitamos um pouco mais a noção de fé confrontando ela com a noção de costume, crença e autoridade.

É exatamente o que será explicitado no capítulo seguinte, com um maior entendimento dos conceitos básicos contidos na *Apologia à Raymond de Sebond* destacando os conceitos mais fundamentais no que diz respeito ao tema proposto por essa pesquisa, no que tange ao processo de naturalização do sobrenatural proposto por Montaigne em seus *Ensaaios*.

O conceito de costume, assim como o de crença, e por fim, refletir sobre o papel da autoridade no sentido de estabelecer uma paz sugerindo preceitos céticos para uma harmonia entre ceticismo e fé.

Será tratado nos próximos tópicos, mais especificamente à Apologia à Raymond de Sebond destacando alguns conceitos mais fundamentais no que diz respeito ao tema proposto nesta pesquisa acadêmica como costumes, crença, e também sua relação com o espaço conferido à autoridade. Discutiremos à interpretação na qual o *ceticismo* de Montaigne naturaliza o sobrenatural, ou seja, reduziria à dimensão das crenças e costumes.

## 2 Noção de fé e costumes nos ensaios

Vimos que, no tópico anterior, a fé possui não somente o sentido de remover montanhas, mas se abre para uma polissemia. Analisamos a relação entre fé, razão e

---

<sup>20</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaaios*. p.170.

verdade. O fio condutor nos leva agora a analisar a noção de fé, contida nos Ensaio, com a categoria secundária de costume.

Na Apologia, Montaigne produz um *bestiário*, no qual ele acredita provar sua visão antropológica na qual o homem e os animais dividem não só o mesmo patamar na escala da criação (criaturas) enquanto obras divinas, como também compartilham a religião como característica geral da espécie. O que resta ao homem, senão sua vaidade?

A presunção é nossa doença natural e original [...] é por vaidade dessa imaginação que o homem se iguala à Deus, que se atribui características divinas [...] que separa a si mesmo da multidão das outras criaturas, divide em grupo os animais e seus confrades e companheiros e lhes distribui a porção de faculdades e de forças que lhe parece justo<sup>21</sup>.

De acordo com essa passagem, podemos entender que segundo à visão antropológica proposta por Montaigne dispõe de uma natureza que abraça universalmente todas as criaturas. Há nesse ponto certa ontologia, dado que os animais não podem atingir às verdades divinas e sobrenaturais. A impossibilidade se dá pela sua posição em nível inferior de criatura.

Aos olhos de Montaigne, o homem não seria diferente das outras criaturas nesse quesito. Cabe ao homem atingir somente sua própria esfera: a dimensão natural. Contudo, seria a fé um mero costume das criaturas? Os costumes cristãos não deveriam brilhar em excelência perante outros povos pagãos?

Tendo esses questionamentos como norte, o fio condutor nos guia à definir o conceito de costume nos Ensaio de Montaigne.

O costume é efetivamente um professor tirânico. Mesmo que de mansinho e ganha autoridade sobre os humanos. Ele se afirma mostrando-nos sempre uma expressão imperativa. [...] dos efeitos dos hábitos julgamos melhor pelas estranhas impressões que produzem em nossos espíritos, menos resistentes que o corpo. Tudo pode sobre nossos juízos e crenças<sup>22</sup>.

Como podemos perceber nessa passagem, Montaigne visa demonstrar que “o professor tirânico” domina os homens, de forma quase imperceptível agindo no campo da educação, dos valores, dentre outros, a virtude e a ética. De certa forma, as criaturas

---

<sup>21</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaio**. p.181.

<sup>22</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Ensaio**. p.57

deixam de lado a questão religiosa, confundindo e misturando imposturas de homens, povos e nações capazes.

Segundo Montaigne, a dimensão da fé é alheia a razão humana. Porém, não trata esses homens como criminosos, visto que suas ações são desculpáveis. Nesse ponto, resta ao homem contentar-se com sua esfera natural dominada pela crença, autoridade e costumes, pois a única via do esclarecimento humano encontra-se exclusivamente à mercê de Deus.

A primeira pergunta base deste tópico tratava do brilho ético proveniente de uma nação de que tivesse bons costumes. Montaigne sugere que os homens devem envergonhar-se, pois ao analisar os costumes de adeptos de outras seitas humanas, o autor destaca a adaptação rigorosa da *fé* aos *costumes*.

Contudo, quando se trata do cristão isso acontece apenas de forma oral, gramatical, ou até mesmo retórica. Como assim? Ao ver de Montaigne, essa é a prova basilar de sua teoria. Isso se dá quando comparamos os costumes dos cristão e constatamos sua inferioridade.

Se a religião Católica Apostólica Romana possui superioridade à outras seitas humanas, por quê seus povos e nações não brilham em excelência ética?

(...) são justos, caridosos, bons, logo devem ser cristãos. O resto é comum a todas as religiões: a esperança, a confiança, os acontecimentos que fortalecem, as cerimônias, as penitências, os mártires. O que deveria distinguir a nossa verdade fora a virtude, o mais celestial distintivo, o mais digno e mais árduo produto da verdade<sup>23</sup>.

Os cristãos deveriam ser reconhecidos por outros povos como *justos*, *bons*. Para tanto, esse é o critério adotado por Montaigne em sua teoria: é a virtude que deveria distinguir a verdade cristã: *não somos o que deveríamos ser*<sup>24</sup>. Quem hoje beijaria os pés do Papa diante da impureza dos costumes católicos? Os desregramentos não esgotam a admiração às crenças cristãs? Ou ainda, seria esse lado negativo um entusiasta da fé, considerando tamanha corrupção?

Nesse ponto, os *Ensaio*s inauguram um novo olhar filosófico, antropológico, sem deixar de lado sua função teológica. De fato, Montaigne é político, advogado, filósofo, historiador, com forte influência do pensamento cético e estoico. Isso está em

---

<sup>23</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaio**s. p.181.

<sup>24</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaio**s. p.181

completo acordo com sua teoria de naturalizar o sobrenatural, a partir da delimitação das esferas e de suas capacidades.

Que a puxem para a esquerda ou para a direita, que digam branco ou preto, todos a colocam igualmente a serviço de suas ambições, e agem de maneira tão idêntica em seus desregramentos e injustiças que tornam difícil acreditarmos na divergência de opiniões que alegam para justificar seus atos, porquanto nossa opinião é que deve inspirar nossa conduta e regular nossa vida. Uma só e mesma escola, com os mesmos princípios, não produziria costumes mais homogêneos, mais uniformes<sup>25</sup>.

A esfera política encontra-se caracterizada como questão religiosa, porém não o são. Aos olhos de Montaigne, isso demonstra o mau uso da fé especificamente em cada país, tratando o costume como fé. *Somos cristãos, como somos perigordinos ou alemães*, a frase lapidar do tópico anterior se demonstra mais uma vez clara por si.

Para ser cristão, você nasce em um país cristão, ou vive em alguma sociedade cristã. O homem pode ser cristão, como pode ser maometano ou budista. Não trata-se, portanto, da fé, mas de costume a característica do que venha a ser. Da mesma forma se dá na relação *selvagem e civilizado*, muito comum no século XVI. Montaigne escreve que não vê nada de selvagem ou bárbaro nos povos indígenas recém descobertos na América Latina. Diz ainda que,

[...] na verdade, cada qual considera bárbaro ou selvagem qualquer ato que não se pratique em sua própria terra. E é natural, afinal o homem só pode julgar a verdade e a razão de ser das coisas pelo exemplo e pela ideia dos usos e costumes do país em que vivemos<sup>26</sup>.

Montaigne evoca a luz da razão ao relativismo cultural, na tentativa de compreender melhor os diferentes costumes. Para tanto, o ensaísta acabou por negar as leis dos selvagens como leis naturais *imóveis, perpétuas e imutáveis*.

[...] parecem não merecer o qualitativo de selvagens [...] As leis da natureza, não ainda pervertidas pela imissão de nossos, regem-nos e mantiveram-se tão puras que lamento por vezes não as tenha o nosso mundo conhecido antes, quando havia homens capazes de apreciá-las<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. p.251

<sup>26</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. p.101.

<sup>27</sup> MONTAIGNE, Michel de. *Os Ensaios*. p.102.

Diante do exposto, podemos compreender melhor a estranheza alegada por Montaigne no que trata da fantasia do conhecimento humano em achar-se o “domicílio para a ciência divina”. A partir de um processo de abstração o homem se distanciaria de usa inteligência ao ponto de só assim conceder espaço à fé cristã. Desta forma, o homem crê, não propõe nenhum dogma que por ventura venha à conflitar com as leis vigentes e os costumes nacionais

Montaigne sugere ainda que o cristão deve se declarar inimigo das heresias, manter-se humilde e obediente, para livrar-se das vãs opiniões que contrariam a religião. Nesse ponto, o autor caracteriza o homem como uma página em branco, ou ainda uma tela de pintura em branco, pronta para ser pintada com o que Deus assim desejar.

O valor do homem, para a fé cristã, se dá no quão profundo pode se submeter às encomendas divinas, chegando a renunciar a si mesmo. De acordo com Montaigne, alguns princípios se estabelecem com evidência, tendo como fim o benefício e utilidade do viver coletivamente: como no caso da religião.

Diante disso, Montaigne recomenda que não nos submergirmos nas doutrinas coletivamente aceitas, de forma tão profunda que não enveredemos pelo caminho da rebeldia contra a lei e o acatamento dos costumes. O homem se confunde em suas próprias ideias, ao ponto de fazer com que diversos costumes e crenças opostos ao do autor mais o instruissem do que o contrariasse.

Não me envaidecem tanto quanto me humilham e hão sido causa, ademais, de que tudo aquilo que não vem expressamente de Deus, eu o considere como sem fundamento. As instituições deste mundo tanto quanto as escolas estão em contradição entre si, daí podermos deduzir que o acaso não é mais diverso e variável do que a razão, nem mais cego e imponderável<sup>28</sup>.

Contudo, é pela via imaginativa que o homem diviniza a sua fé. O mesmo acontece com a virtude, a honra, a liberdade, e outros princípios basilares do projeto humano.

[...] a condição de nos submetermos aos costumes, imaginando que as ideias absolutas e ditadas pela natureza. [...] o principal efeito da força do hábito reside em que se apodera de nós a tal ponto que já quase não está em nós recuperarmo-nos e refletirmos sobre os atos a que nos impele. Daí pensarmos que o que está fora dos costumes igualmente

---

<sup>28</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.102.

fora da razão. [...] uma verdadeira chicotada na tolice habitual de nosso julgamento<sup>29</sup>.

Diante dessa impossibilidade de uma fé universal, dado que os costumes se limitam à fronteiras nacionais. Dado toda essa problemática religiosa e política, o que caberia então ao homem sábio?

[...] observar as leis do país em que nos encontramos é a primeira das regras, é uma lei que prima por sobre as demais [...] o sábio precisa concentrar-se e deixar seu espírito toda liberdade e julgar as coisas com serenidade, mas quanto ao aspecto exterior delas cabe-lhe conformar-se sem discrepância com as maneiras geralmente aceitas<sup>30</sup>.

Portanto, não se trata de palavras, mas sim de atos. Aos olhos de Montaigne, tudo que tivesse origem no homem cristão deveria iluminar com clareza nobre e superior. Embora a religião católica se encontre mais elevada que as outras, não é possível perceber isso pelos costumes.

Aconselho-vos moderação e reserva nas opiniões que emitis, e nos raciocínios tanto quanto nos costumes; evitai a novidade e a originalidade; tudo o que é extravagante, irrita-me. Vós que, pela autoridade de vossa condição social e, mais ainda, pelas vantagens que vos outorgam vossas qualidades pessoais, podeis mandar em quem vos compraz, fora preferível que houvésseis confiado a tarefa por mim cumprida a alguém que fizesse da literatura sua ocupação normal. Ele vos teria, muito melhor do que eu, informado e documentado a respeito. Contudo já se me afigura suficiente, para o vosso fim, o que se fez<sup>31</sup>.

Contudo, Montaigne, em seus Ensaios, em meio a tanta corrupção e mão viciosas, não encontra nada de sobrenatural na conduta dos cristãos e muito menos a santidade dos costumes. O autor busca a naturalização do sobrenatural reduzindo à questão dos costumes e crença todos os problemas relacionados à fé e a religião. Para tanto, o ensaísta constata que costumes constituem todas as coisas ligadas à esfera humana, inclusive sobre as leis.

Nesse ponto, o autor sempre fez questão de deixar claro que não considera vantagem modificar padrões frente às mudanças, como por exemplo no caso das leis de Estado, afinal, os usos e costumes de um povo são como edifícios constituído de peças

---

<sup>29</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.102

<sup>30</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.62.

<sup>31</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.253.

diversas de maneira que juntas, na concepção do ensaísta, seria impossível abalar uma peça sem que seja abaladas todas as outras, em conjunto<sup>32</sup>.

### **3 Noção de fé e crença nos ensaios**

Na Apologia está contido certa noção de fé. Há aqui ação em resposta ao entrave ligado a tradicional disputa da díade fé e razão como via de acesso ao mistério da verdade. Contudo, vimos que ao modo como o ensaio se desenrola surgem outras formas da fé, ou seja, como uma polissemia que se abre na relação com outras categorias secundárias essenciais para que haja um entendimento minimamente claro acerca do objetivo principal desta pesquisa.

Vimos que a noção de fé para Montaigne remete à algo que não somente é supra humano, como também possui o poder particular de alcançar os mistérios da verdade via “graça divina”. Isto posto, nos vemos diante de uma impossibilidade de convergência identificativa que venha a distinguir às esferas, natural e sobrenatural, cabendo somente à esta segunda o acesso à aquilo que Montaigne denomina “verité” (verdade).

Está contido aqui, certa visada antropológica, visto como o ensaísta remete o homem à sua real condição animal, terrestre e cristã, que possui acesso não a uma fé verdadeira, mas somente às crenças, estas por sua vez se encontra, na esfera de uma segunda natureza puramente humanas. Não há, portanto, ao ver de Montaigne, acesso do homem ao que exclusivamente está contido, ou provém pela via da “grace divine” (graça divina).

Portanto, para Montaigne não se trata de desvirtuar o uso das faculdades mentais humanas pelos cristãos que tem como objetivo orientar suas pesquisas e meditações em sentido humano, ou seja meramente ornamental em sentido de uma ampliação dos alicerces da crença, o que não acontece na noção de fé montaigneana. Não que o homem não almeje, mas porque depois de sua queda do paraíso essa impossibilidade se deu<sup>33</sup>.

Na Apologia, há implicitamente uma polissemia da fé, que ao trazermos às claras nesse ponto da pesquisa, questionamos acerca de um Montaigne que mantém o poder divino em sua esfera original e superior, reduzindo o poder humano à sua

---

<sup>32</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. p.62.

<sup>33</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.62.

dimensão natural da crença, da imaginação, da força, da promessa, da salvação, dentre outras categorias. Por hora, vamos nos ater à categoria da fé e crença. Citemos,

O amor à novidade, a tirania dos príncipes, a sorte de um partido, as mudanças temerárias e fortuitas de nossas opiniões, não conseguiriam estremecer ou alterar as nossas crenças; não nos deixaríamos perturbar por argumentos novos e nenhuma retórica no mundo nos impressionaria<sup>34</sup>.

A citação a cima ilustra que há na categoria da crença algo de mutável, de seduzível, algo que pode ser induzido a partir de artifícios e não por algo natural, como quando fala sobre a *tirania do príncipe, a mudança (...) de opiniões, os argumentos novos, a retórica*. Há aqui, categorias da Filosofia Política que se manifestam em forma de ensaio sobre esta questão da fé.

De acordo com a passagem acima, destacamos certa preferência do autor pela estabilidade das coisas, em sentido de que é nesse sentido que Montaigne caracteriza seu fundamento da noção de fé nos Ensaaios. Não podemos deixar de abordar a questão, visto que consideramos esta marca como característica base da originalidade do ceticismo fideísta dos Ensaaios<sup>35</sup>.

No início do século XVI, Lutero grudou suas teses na porta do castelo de Wittenberg, na Alemanha. Não sabia ele que suas teses atreladas a outros fatores culminariam em guerras civis. Contudo, o conteúdo já questionava a autoridade do Papa e o pagamento de indulgências. Não distante disso, em 1572, Montaigne lança seus Ensaaios sob influência moderada desses abalos luteranos, ao seus olhos não se trata de guerras de fé, mas sim guerras de crenças, de poder, de paixões e traições humanas.

Ao ver de Montaigne, esse mal uso da fé é motivo de muita preocupação e temeridade, visto que se trata de incitação ao desprezo e controle no campo das opiniões, no qual não há consenso, visto que quando se trata de uma inclinação divina que implica algo no campo da “salvação”, pós-mortem, porém não se distancia o suficiente para perder o contato com a natureza humana e suas crenças. Citemos,

(...) se põem em dúvida certos pontos de sua religião, submetendo-os a seu julgamento, ele acaba muito rapidamente por sentir a mesma incerteza para com todas as suas demais crenças, pois as que ficam

---

<sup>34</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.62.

<sup>35</sup> POPKIN, Richard Henry. **História do ceticismo**. p. 89

têm menos autoridade e fundamento do que aquelas de que o despojaram<sup>36</sup>.

Na crença é que se encontram nossas “certezas”. Há também, ao ver de Montaigne, uma escala de autoridade e princípio na qualidade de crença. Diante do exposto, nos Ensaaios a noção de fé se abre para uma polissemia. O que motivaria as carnificinas no campo de guerra, ou entre civis? O que geraria esse movimento violento no qual os embates políticos extremados? Poderia da fé divina provir algo de mal?

Nos Ensaaios, Montaigne se debruça sobre este tema com o fim de desvendar esse mal uso do que é divino pela boca e atos violentos das criaturas. Não à fé, mas às crenças puramente humanas se deve o fundamento do mal praticado. Não teológico, mas ético e político.

Como vimos no tópico anterior, o homem não move montanhas, logo, não tem fé, tem crença. Para Montaigne, se o homem tivesse uma minúscula partícula de fé em seu corpo, nossas montanhas seriam removidas constantemente. Segundo Montaigne, no campo ético e político, as ações humanas não são inspiradas pela divindade, visto que ao homem somente lhe cabe cumprir ao seu desígnio de criatura, impossibilitado de participar dos *milagres*, esfera esta exclusiva de uma superioridade que se encontra longe de nossas crenças<sup>37</sup>.

Em Montaigne, as crenças podem facilmente ser alteradas. Se houvesse a verdadeira fé cristã nos homens, eles não aceitariam viver um instante a mais sequer na terra, pois optariam por desaparecer para estar com Jesus. A mesma situação acontece com Platão, o platonismo e seus discípulos. Ao ver de Montaigne, a eloquência entre esses atores no que concerne a imortalidade da alma deveria impelir todos os discípulos ao suicídio, visto que desejariam desfrutar da recompensa sugerida pelo filósofo grego.

Nos Ensaio há uma pretensão de assinalar a evidente constatação de que o homem só compreende sua religião por um modo: o bel-prazer. Da mesma forma isso se dá no que tange a análise de compreensão de outras seitas religiosas. Na Apologia, escreve Montaigne sobre as religiões:

Se é nossa, é porque o destino nos fez nascer em um país onde ela existe, porque é muito antiga, ou porque os homens que a estabeleceram merecem nosso respeito, ou porque tememos os castigos com que ameaça os que não a seguem, ou ainda porque nos

---

<sup>36</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.61.

<sup>37</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.60.

seduzem suas promessas. Todas essas considerações podem pesar em nossas crenças, mas são secundárias; são laços de ordem puramente humana. Em outras regiões, outras influências, promessas e ameaças poderiam igualmente impor-nos outras crenças. Somos cristãos como somos perigordinos ou alemães<sup>38</sup>.

Necessitaríamos aqui, de um maior aprofundamento sobre esta questão de costume religioso e sua regionalidade perante uma pseudo universalidade. Porém, isso se dará mais à frente, perante momento mais oportuno. Por hora, nos detemos na polissemia da fé e sua relação com a dimensão humana das crenças.

Segundo a Apologia, é na dimensão das crenças que se dá esse embate entre a credulidade e a incredulidade mediado pela razão que não consegue provar muita coisa a que se propõe. Para Montaigne, a nossa inteligência não desvenda a natureza e as causas das coisas, a fim de mostrar que muitas coisas não o são, ou podem nem ter sido, diante de “fatos conhecidos e indiscutíveis que o homem confessa não poder explicar”<sup>39</sup>.

É por atribuição, ou por crença real, ou ainda por fantasia que o homem atinge a essência da realidade. Montaigne admite que ainda que o homem tivesse essa possibilidade sozinho entre os outros animais ter essa *liberdade de imaginação*, ou a *desordem de pensamento*, que, aos olhos de Montaigne, permitem ao gênero humano representar-se ao mesmo tempo *o que é e o que não é*.

Essa espécie de vantagem custaria caro ao homem, visto que não deveria envaidecer-se. Para Montaigne, a vaidade é a principal fonte principal dos males do homem, dentre eles no campo fisiológico a doença, no campo lógico a indecisão, no campo psicológico a inquietação e o desespero, e no campo ético o pecado<sup>40</sup>.

Diante da confusão de ideias humanas que partiram para o campo da violência e da desmedida, fizeram com que múltiplas crenças diferentes e/ou opostas à do autor em questão, possuem teor maior de instrução e educação do que necessariamente de contrariedade.

Nesse cenário de crença na descrença, os valores vazios de uma fé que é crença, ao mesmo tempo que envaidecem, humilham tudo aquilo que não vem expressamente do divino. Crença por crença, ela admite costumes que possam vir a ser considerados bárbaros diante de certo ponto regional.

---

<sup>38</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.170.

<sup>39</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.102.

<sup>40</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.169.

E embora não o explicando, Montaigne alega que ninguém põe essa questão sob suspeita, visto que a opinião humana a respeito desse tema venha a resultar da tradição, do que acreditavam os antigos, das crenças que eram aceitas, a ponto de darmos crédito a algo como se integrassem tanto no campo da religião, quanto no campo das leis.

A noção de fé, remetida a categoria de crença é responsável pela aceitação humana, de bom grado, sem uso da força (as vezes com uso da força), ao que comumente é admitido por todos.

O que faz que duvidemos de poucas coisas, está em que jamais pomos à prova as impressões comuns a todos; nunca as examinamos em seus pontos fracos. Não indagamos se um princípio é certo, e sim de que jeito foi formulado. Não há, pois, como estranhar se tenha estendido às artes e às escolas essa tirania de nossas crenças e esse constrangimento de nossa liberdade<sup>41</sup>.

Segundo Montaigne, não se trata de questionar a certeza de um princípio, mas o princípio da certeza. Nessa passagem dos Ensaíes podemos perceber que o homem somente acolhe a verdade com seu aparato de argumentos e provas, como algo sólido, inabalável, inexaminável, de acordo com seu bel-prazer, de acordo com a utilidade circunstancial que pode aparecer.

Portanto, isso se dá de modo individual, e não divino. O fortalecimento e/ou consolidação de uma crença aceita, vigora a partir de argumentos humanos, da própria inteligência natural, que Montaigne denomina “instrumento dócil”, com características de maleabilidade e acomodação. “E, assim, enche-se o mundo de mentiras e estultícias<sup>42</sup>”. Na mesma página, escreve Montaigne:

Aristóteles é o deus da ciência escolástica; é sacrilégio discutir-lhe os conceitos, como o era em Esparta discutir os de Licurgo (...). O que faz que duvidemos de poucas coisas, está em que jamais pomos à prova as impressões comuns a todos; nunca as examinamos em seus pontos fracos. Não indagamos se um princípio é certo, e sim de que jeito foi formulado. Não há pois como estranhar se tenha estendido às artes e às escolas essa tirania de nossas crenças e esse constrangimento de nossa liberdade<sup>43</sup>.

Ao denominar Aristóteles de o “deus da ciência escolástica”, Montaigne busca ilustrar que, de modo que não vá queimar na fogueira da Inquisição, aparentemente há

---

<sup>41</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaíes**. p.170..

<sup>42</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaíes**. p.97.

<sup>43</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaíes**. p.97.

fé nos dogmas aristotélicos, porém, o ensaísta remete à esfera das crenças essa pretensão humana de acesso aos mistérios sobrenaturais da verdade, o que ele denomina “tirania das crenças.

Seguindo o raciocínio desta pesquisa, podemos questionar se a prisão da alma no corpo teria abafado suas qualidades inatas, dentre elas a fé, a ponto de extingui-las. Contudo, seria antes de tudo contrário a crença deste artigo, visto que a esfera divina não nos concede poder considerável da ação sobre o homem e sua vida, posto que é nesse ponto que se afirma a eternidade da divindade e da esfera sobrenatural, “desde sempre e para sempre<sup>44</sup>”.

Em suma, Montaigne não discorda da *crença geral* de que a alma nasce e vive nas mesmas condições que o homem. Os Ensaísta transparecem a opinião de Epicuro e Demócrito, que a alma nasce com o corpo no momento adequado, suas forças, juntamente com as forças físicas do indivíduo; que constatamos sua fraqueza durante a infância e vemos seu vigor e sua maturidade se ampliarem com o tempo, e seu enfraquecimento sobrevir na velhice. E enfim sua decrepitude<sup>45</sup>”.

O relativismo fideísta de Montaigne também não nega a crença de Lucrecio<sup>46</sup> quando o cita. Tampouco nega a crença salutar de Platão, na qual “os vícios que escapam ao conhecimento da justiça humana, não se sonegam assim à justiça divina, a qual os pune mesmo depois da morte do culpado”. Dado que o sentido polissêmico da fé nos Ensaísta remete à uma estrita delimitação das esferas sobrenatural e natural, ao mesmo tempo que repõe o homem em sua verdadeira condição<sup>47</sup>.

No campo da filosofia, há esse embate acerca da imortalidade da alma, como vimos anteriormente. Agora abordamos aqui a possibilidade da afirmação estoica, na qual a origem desse sentimento fortuito seria melhor se viesse do próprio espírito humano que talvez viesse de fora, de Deus.

Montaigne não chega a ser tão radical na análise, mas defende que somente com a graça de Deus é possível conservar inteiramente, sem inquietações nem casos de consciência, as antigas crenças da religião cristã, em meio a tantas seitas e divisões do século XVI.

---

<sup>44</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaísta**. p.106.

<sup>45</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaísta**. p.107.

<sup>46</sup> Lucrecio disse: *Gigni pariter cum corpore, et unà. Crescere sentimus, paritérque senescere mentem* (Sentimos que nasce com o corpo, cresce e envelhece com ele) [Lucrecio].

<sup>47</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaísta**. p.110.

Montaigne se refere às obras antigas, com rigor acerca do conteúdo como forma de atração e influência. Diferente do que está posto, Montaigne revela preferência ao que se tem à mão, ao invés de se interessar pelo que está voando. Em suas palavras: “é sempre a que me interessa mais; acho que cada uma por sua vez está com a verdade, mesmo quando as teses são antagônicas<sup>48</sup>”.

Se não podemos atingir os mistérios da verdade, ela pode estar em ambos os lados. De fato, se considerarmos que sabemos de diversas práticas em curso nesta terra, há um quê de regozijo dado o relativismo cultural que se abre com o “descobrimento da América”, tempos e lugares remotos que se encontrem em grande número, opiniões populares, costumes e crenças selvagens que possuem características semelhantes, muito embora, não pareçam ter origem no estado atual da inteligência humana.

O espírito humano realiza realmente grandes milagres, mas essa correlação tem ainda algo mais estranho pela similitude de certos nomes e de mil outras coisas; pois neste mundo novo, vêem-se povos que nunca ouviram falar de nós, e entre os quais se pratica a circuncisão<sup>49</sup>.

Se por um lado a fé é algo absoluto e sobrenatural, a crença é natural e humana. A crença não se restringe somente à religião cristã, como pensavam até o século XV. Com o relativismo cultural e a descoberta do Novo Mundo se abriu um leque para novas perspectivas, muito embora o autor se mostre retoricamente contra novidades.

Nos Ensaios, destacamos entre outros povos, os Tupinambás. Índios naturais do Brasil. Em diálogo intermediado por interprete, Montaigne se entende com o *selvagem* e constata neles a existência de crença no juízo final; Profunda ofensa contra seus mortos fora constatada os espanhóis violaram cemitérios pelo simples desejo de saquear riquezas materiais<sup>50</sup>.

Por fim, Montaigne questiona se a natureza que encerrou todas as coisas dentro de suas regras naturais, desde as crenças, os juízos, as opiniões dos homens, como seria possível suas evoluções determinadas, nascendo e morrendo como repolhos, agitar o céu com suas vontades? Que autoridade segura e permanente lhes atribuiremos?

Por meio de experiência, Montaigne busca provar que a organização humana não decorre do sobrenatural, mas sim decorre do ar, do clima, do lugar de nascimento,

---

<sup>48</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.126.

<sup>49</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.129.

<sup>50</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.130.

das coisas que acreditamos, dentre outros fatores. que não somente a nossa tez, a nossa estatura, a nossa compleição, nossos meios físicos disso dependem mas ainda as faculdades de nossa alma;

Para Montaigne, quando vemos alguma arte específica supostamente influenciada pelo celeste florescer, a tendência é uma crença substituir-se por outra, em um determinado período de tempo produzir alguns temperamentos e predisposições humanas a tomar partido A ou partido B.

Nos Ensaaios, há certo duplo câmbio constante, ora o espírito humano mostrar-se vigoroso, ora mostra estiolado, como podemos observar nas terras de culturas diferentes, onde as prerrogativas de que nos jactamos são naturais. No que tange a condição humana, o ensaísta nos lembra que até um sábio pode ter desilusões, ou ainda cem homens, quicá nações inteiras também o podem.

Em verdade, a ver de Montaigne, *o gênero humano inteiro se engana há séculos acerca disto ou daquilo*<sup>51</sup>. A final, se não temos fé, temos somente crenças. Diante disto, que certeza podemos alimentar de que por vezes cesse o engano e que nosso século não esteja suando sobre o erro?

Diante do exposto, Montaigne sugere à nós que sejamos gratos à bondade divina. Graças ao Criador, para o homem foi esclarecido acerca das afirmações tolas da noção de fé humana em tais cultos. Escreve ainda que, *por ter feito que nossa crença assente hoje no alicerce de Sua palavra sagrada (...)*<sup>52</sup>. Passaremos agora à análise da polissemia da fé em relação a categoria secundária da *autoridade*.

#### 4 Terceira visão: a díade fé e autoridade nos ensaios

O fio condutor da pesquisa nos leva a compreender noção de fé nos Ensaaios a partir da polissemia na qual ela se abre. Chegamos à nossa última categoria secundária: autoridade. Nesse ponto, pintaremos um Montaigne com as tintas da filosofia política e jurídica, sem deixar de lado a ontologia, a antropologia e gnosiologia relacionada a análise das categorias teológicas ensaiadas.

No tópico em que abordamos a polissemia da fé com a noção de crença. Nela, já pincelamos superficialmente a categoria da autoridade. Isso se deu no instante em que

---

<sup>51</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.102.

<sup>52</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaaios**. p.135.

Montaigne considerou um nível de autoridade de uma crença nova comparada a uma crença mais antiga. Logo, a crença mais antiga tem mais autoridade do que a novidade.

Vamos, aqui, aprofundar a análise sobre essa categoria de autoridade contida nos Ensaaios, como uma das faces da polissemia da fé. A fé para Montaigne é algo que possui uma autoridade não humana, mas sim no sentido de uma verdade externa, ocupada pela doutrina instituição da Igreja Católica Apostólica Romana.

[...] a religião cristã é concebida dentro de um espírito de respeito eminentemente justo e utilitário, nada recomenda mais, e de maneira mais expressa, quanto a inteira obediência dos magistrados e da conservação do governo. [...] Que maravilhoso exemplo nos deu a sabedoria divina quando para assegurar a salvação do gênero humano e essa sua gloriosa vitória contra a morte e o pecado, quis que isso acontecesse dentro de uma ordem política estabelecida. E submeteu seu progresso e a realização de um objetivo tão elevado e salutar à cegueira e à injustiça de nossas instituições e de nossos costumes<sup>53</sup>.

Ao sistematizar sua visada antropológica, Montaigne se questiona exatamente sobre isso, se a autoridade da fé cristã está localizada fora da alçada do homem. Posteriormente pergunta, se Lutero teve condição de abalar a crença dos homens, como poderia a via da crença levar à verdade divina se somente pela via da fé se pode chegar à dimensão sobrenatural? Para tanto, ao reposicionar a verdade inatingível na esfera sobrenatural, onde a crença não pode atingir:

[...] nossa fé não é adquirida pelo homem e suas forças, é adquirida como se fosse um presente puro, dado pela liberdade de outrem. Não foi pelo raciocínio ou pelo entendimento que recebemos nossa religião, mas sim por autoridade e comandos externos. [...] a participação que o homem tem no conhecimento da verdade, seja ela qual for, não foi adquirida pelos seus próprios poderes<sup>54</sup>.

É desse modo que Montaigne denuncia, nos *Ensaaios*, que o vulgo se auto atribui títulos externos, não como se fossem universais, sim como experiências pessoais. Logo, o homem se engana ao pensar que a esfera da verdade se encontra junto com a dimensão natural. Aquilo que a criatura recebe é pela via de autoridade. Nesse ponto, o homem submete as ideias que recebera por obrigação externa, pelas leis e costumes da doutrina cristã como se fossem julgamento e consentimento pessoal. Para tanto, podemos

---

<sup>53</sup> MONTAIGNE, Michel de; **Ensaaios**. p.63.

<sup>54</sup> MONTAIGNE, Michel de; **Ensaaios**. p.63.

interpretar que na *Apologia* há mais uma ideia de fé diferente daquela vista no tópico anterior, no sentido de *infusão extraordinária e divina*.

Com essa concepção nova de fé, confrontada com a dimensão reservada à autoridade, Montaigne escreve que se a fé não é algo que possa ser praticado como crença, ela só pode ser exercitada fora da esfera dos julgamentos pessoais, ou seja, o ensaísta naturaliza o sobrenatural, no sentido de que se define fé como *submissão a uma palavra de autoridade*.

[...] a primeira lei que Deus deu ao homem foi uma lei de pura obediência. [...] não se deve deixar ao julgamento de cada um o conhecimento de seu dever; é preciso proscrever-lhe, não deixar que ele escolha segundo seu discernimento; de outra forma, dadas a fragilidade e a infinita variedade de nossas razões e opiniões, por fim, os homens forjariam seus deveres à ponto de levarem a devorar uns aos outros<sup>55</sup>.

Desta forma, o que aconselha Montaigne ao seu leitor? O que resta ao homem de bem praticar em sua esfera natural? Para Montaigne, somente a humildade, a obediência e submissão é que podem vir a fazer o que ele chama de “homem de bem”. É nesse confronto de ideias entre fé e autoridade que a antropologia de Montaigne se encontra com a ética.

[...] obedecer é o principal ofício de uma alma racional, que reconhece um superior e benfeitor celeste. Do obedecer e ceder nasce toda outra virtude, assim como do orgulho o pecado. [...] a peste do homem é a suposição de que sabe. Eis por que a ignorância nos é tão recomendada por nossa religião como qualidade apropriada para a crença e a obediência<sup>56</sup>.

A autoridade, nesse ponto, assume o papel de critério fundamental tanto na compreensão quanto na configuração da noção de ceticismo e fé nos Ensaios de Montaigne. O ensaísta conviveu diretamente com várias guerras religiosas, onde pode sistematizar seu processo de naturalização do sobrenatural partindo dessa nova concepção de fé, como infusão de autoridade.

Como nas vigas do castelo em Bordeaux, os Ensaios são repletos de fórmulas e citações de outros autores clássicos. Montaigne deixa claro que sua visada antropológica se encontra com seu modo de ver o fato pela via da ética, a ponto de descrever

---

<sup>55</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.166.

<sup>56</sup> MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaios**. p.232-233.

delicadamente o que de e não deve fazer um homem que pretende o bem. Citemos Os Ensaios:

Quem mergulhasse dentro de minha alma, até o presente, não me acharia culpado de ter afligido ou arruinado alguém. [...] nem tampouco de haver tentado publicamente contra as leis, ou contribuído para fazer com que prevalecessem as temidas novidades; ou participado de perturbações da ordem<sup>57</sup>.

Desta forma, Montaigne se refere ao problema dessa articulação dupla entre a verdade da doutrina cristã e a impraticabilidade da crença e dos costumes, que por fim, leva a essa nítida oposição aos ensinamentos da Igreja. O autor escolhe aceitar esse duplo discurso, para a partir daí compreender melhor o espaço concedido à fé e à crença.

Outro critério para a aceitação da doutrina cristã como verdade e autoridade, advém dos próprios poderes e limites da razão enquanto instrumento:

Não é sem motivos que atribuímos à simplicidade e à ignorância a facilidade com que certas pessoas acreditam e se deixam persuadir, pois penso ter aprendido outrora que acreditar é por assim dizer o resultado de uma espécie de impressão. [...] a razão me impeliu a reconhecer e condenar uma coisa de maneira absoluta é ultrapassar os limites que podem atingir a vontade de Deus e a força da natureza. E que o maior sintoma de loucura do mundo é reduzir a essa vontade e essa força à medida de nossa capacidade e inteligência<sup>58</sup>.

Montaigne afirma que ao tentar fazer essa triagem do que é verdadeiro e falso, o homem toma como digno apenas o habitual ligado aos costumes, a crença e a autoridade. Ora, se o homem, não conhece e nem pode conhecer os fundamentos e as regras da natureza, que é sua esfera, como poderia conhecer uma esfera superior? Cabe ao homem aceitar à fé como via de autoridade:

É ousadia perigosa e de possíveis consequências sérias, fora mesmo do que tem temerário e absurdo, desprezar o que ao compreendemos. Que após terdes acertado, com osso julgamento, os limites entre o verdadeiro e o falso, sobrevenham, como é inevitável, fatos inegáveis, ultrapassando ainda mais em sobrenatural o que recusais, e ei-vos obrigados a vos desmentirdes<sup>59</sup>.

---

<sup>57</sup> MONTAIGNE, Michel de; **Ensaaios**. p.92-93.

<sup>58</sup> MONTAIGNE, Michel de; **Ensaaios**. p.92-93.

<sup>59</sup> *Idem*.

Segundo a visada antropológica de Montaigne, o que acarreta tantas confusões na consciência humana é exatamente esse “abandono parcial que os católicos fazem de sua fé cristã”, por se imaginarem demasiado sensatos e moderados, porém, o autor define ser necessário em todas as instâncias nos submeter aos poderes eclesiásticos, pois, não cabe ao homem determinar ao que devemos obediência ou não:

Não foi pelo raciocínio, pela inteligência, que acolhemos nossa religião; foi porque assim o quis uma autoridade situada fora de nós (...). É uma questão que foge ao domínio da razão. Somos obrigados a nos contentarmos com a luz que apetece ao sol comunicar-nos, e quem tente fixá-la, a fim de absorver maior quantidade em seu corpo, não se espante se com sua temeridade presunçosa perder a visão<sup>60</sup>.

Os Ensaaios, portanto, inauguram esse novo olhar antropológico e sua função ética e política. Isso está em completo acordo com seu processo de naturalizar o sobrenatural que pode ser atingido a partir de uma nova concepção antropológica onde não só distingue como superior e inferior as dimensões divinas da dimensão humana, mediante sua posição de iniciar esse olhar humano à filosofia.

## 5 Considerações finais

Valendo-se dos estudos céticos, em conjunto com a teologia natural, Montaigne desenvolveu seu projeto filosófico, que é tanto antropológico, como teológico, abrangendo a esfera ética e política. Na sua busca de respostas, que solucionassem os problemas religiosos que assolavam o período da Reforma Protestante, Montaigne encontra como resposta a necessidade de naturalizar os temas que até então estão causando conflitos, pois até então eram relacionados diretamente à uma esfera divina e superior. Desta maneira, através de suas tiradas antropológicas e sugestões céticas, a ponto de contribuir para a resolução dos entraves de sua época.

Montaigne identifica que há no homem uma concepção enganada sobre os critérios de busca da verdade, na medida em que confunde as dimensões divina e sobrenatural, com a dimensão meramente humana. Não há como o homem se livrar de sua natureza e alcançar uma esfera divina devido à natureza dos próprios instrumentos humanos descalibrados e incapacitados de atingir a *verdade*, pois está só pertencem o ao divino e soberano.

---

<sup>60</sup> MONTAIGNE, Michel de; **Ensaaios**. p.92-93.

O conflito entre fé e razão, que se realiza por meio do caráter antropológico, levou Montaigne a dedicar-se aos Ensaios e principalmente a Apologia à Raymond de Sebond. Sendo o homem criatura pertencente à dimensão própria e natural, regida pelas leis do Criador, como seria possível que a razão se harmonizasse com a verdade sobrenatural sendo que ela se encontra impossibilitada de transpor essa barreira? Montaigne nos expõe que deve a razão sempre que necessário for, ser utilizada em defesa da verdade divina, porém, a natureza divina se encontra em dimensão superior, tanto de forma ontológica, quanto teológica.

Desta forma, já que o homem por intermédio da razão e da ciência não podem alcançar esse domínio da “verdade”, qual seria a via que leva ao fim dessa angústia? Montaigne escreve que a única via que leva à Deus e sua atmosfera é tão somente a fé que abarca vivamente e verdadeiramente os altos mistérios da nossa religião.

Dado a diversidade temática dos Ensaios, a noção original de fé, como única via que leva à verdade, se abre para uma polissemia. O homem, como criatura, está preso à sua esfera natural e submerso nos costumes e na crença país onde vive. Se somos cristãos, como somos alemães ou perigordinos, nossa religião se molda ao desejo de cada um, inexistindo aí o acesso à uma fé superior, remetendo á mera crença toda a problemática teológica que tentara encerrar.

É negado ao homem o estado de pleno acesso à verdade divina, porém lhe é dado a graça divina de poder se organiza socialmente. A natureza o limita, enquanto a razão lhe impede de alçar voos que o levem à uma dimensão superior, sobrenatural. Se uma não sobrepuser sobre o outro, haveria o homem propriamente dito atingido a divindade, possuiriam hábitos que condigam com a superioridade e bondade que são necessários à perfeição de Deus, já que sua sobrenatureza não está presente.

Montaigne encara com responsabilidade essa necessidade de se manter a ordem perante novas ideias. No sentido ético e político, sugere que o homem de bem não deve atentar contra a segurança social no sentido de se empregar novas ideias. Dado a diversidade dos Ensaios, a noção de fé que outrora tinha sentido de caminho da verdade, agora se mostra como crença. Não sendo suficiente ainda, Montaigne alerta para a interpretação da noção de fé confrontada com a noção de autoridade, como um professor tirânico, externa.

A distinção do natural e sobrenatural a partir da polissemia da fé contida nos *Ensaios*, nos remete a um alerta que se dá não apenas no campo epistemológico, no qual a razão e os outros instrumentos deixam de ser vias que levam à verdade inatingível

reduzindo-os a categorias de caráter naturalista, mas também ao campo da ética e política, visto que a manutenção dessa nova razão de Estado se dá como meta a ordem e a estabilidade das leis.

Por um lado, se compreende a necessidade de uma harmonia entre o estado, que rege as leis, por outro os homens, que sugerem que antes de uma boa constituição precisam tornar-se antes aptos a seguir o proposto, no qual suas inclinações venham a coincidir com o bem geral e comum.

É, portanto, na proposta de uma naturalização do sobrenatural que Montaigne encontra a resposta para os problemas políticos, religiosos e filosóficos, a cerca do critério de verdade. Podemos perceber, com efeito, que a visada antropológica de Montaigne é também uma teoria política, que visa resolver os entraves e conflitos religiosos.

## 6 Referências

### *Obras de Montaigne:*

MONTAIGNE, M. **Os Ensaíes**. Livro I, II e III. Trad. Br. Rosemary Costhek Abílio. 2ªed. Martins Fontes; São Paulo, 2002.

\_\_\_\_\_. **Ensaíes**. Livro I e II. Trad. Br. Sergio Milliet. 4ªed. Nova Cultural, São Paulo, 1987.

### *Obras sobre Montaigne:*

BIRCHAL, T. S. *Fé, razão e crença na apologia Raymond Sebon: somos cristãos como somos perigordinos ou alemães?*. In *Kriterion*, Belo Horizonte, v. 46, n.

111, June 2005. Available from

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100512X2005000100004&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100512X2005000100004&lng=en&nrm=iso)>. Acessado em 26 de julho de 2012.

BRAHAMI, F. *Le Scepticisme de Montaigne*. PUF: Paris, 1997.

\_\_\_\_\_. *Le travail du scepticisme. Montaigne, Bayle, Hume*. PUF. Paris, 2001.

STAROBINSKI, J. *Montaigne em movimento*. Cia das letras. São Paulo, 1993.

TOURNON, A. *Montaigne*. Trad. Br. Edson Querubini. Discurso Editorial; São Paulo, 2004

\_\_\_\_\_. *Montaigne, La glose et l'essai*. Presses Universitaires de Lyon. Lyon, 1983.

VILLEY, P. *Les Sources & L'Evolution des Essais de Montaigne*. Vol. I e II. Hachette: Paris, 1933.

### *Obras sobre o ceticismo:*

EMPIRICUS, S. *Outlines of Pyrrhonism*. Cambridge: Loeb Classical Library, Harvard University Press and Wilian Herneman Ltda, 1976.

POPKIN, R. H. *História do ceticismo: de Erasmo a Spinoza*. Trad. Br. Danilo Marcondes de Souza Filho. Francisco Alves: São Paulo, 2000.

REALE, G. *História da filosofia antiga: os sistemas da era helenística*. Vol. 3. Trad. Br. Marcelo Perine. Loyola; São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. *História da filosofia antiga: as escolas da era imperial*. Vol. 4. Trad. Br. Marcelo Perine e Henrique Cláudio de Lima Vaz. Loyola; São Paulo, 1994.

*Obras de vocabulário:*

GOBRY, I. Vocabulário grego de filosofia. Trad. Br. Ivone C. Benedetti. Martins Fontes: São Paulo, 2007.